

Prática Pedagógica sobre a cultura afro-brasileira: oficina de bonecas Abayomi

Resumo: Este artigo tem por objetivo compreender o papel da escola e do ensino de sociologia na desnaturalização da realidade social e desmistificação de preconceitos presentes nas questões étnico-raciais. Através do Programa Institucional de Bolsas à Iniciação a Docência (PIBID) de Ciências Sociais da UNESP/Marília foi possível realizar atividades pedagógicas direcionadas com a temática, que denotam uma apreensão qualitativa do conhecimento sociológico dos alunos através do processo de ensino-aprendizagem mediante a utilização de atividades lúdicas e culturais, como é o caso da oficina de bonecas Abayomi, que através da sua história e da feitura das bonecas foi possível aproximar o conhecimento sociológico da realidade sociocultural dos estudantes.

Abstract: *In this article, we sought to understand the role of school and the teaching of sociology in the demystification of prejudices present in the ethnic-racial themes, as well as in the denaturation of social relations. Through the Institutional Scholarship Program (PIBID) of Social Sciences of UNESP / Marília, it was possible to carry out pedagogical activities directed at the subject that denoted a qualitative improvement in the process of sociological knowledge of students. It was also considered the importance of play and cultural activities, such as the Abayomi doll workshop, a symbol of cultural resistance, which crowned all the work done by the Pibid group in this school.*

Introdução

A escola, enquanto espaço de socialização do conhecimento historicamente acumulado, esboçou-se como reprodutora das relações sociais do modo de produção capitalista e inúmeros autores debruçaram sobre o tema. Althusser (1985) e Bourdieu (2009) foram alguns que deram destaque a essa ênfase da escola. Por outro lado, Gramsci (1985) destaca a importância da escola enquanto papel de disputa de um campo hegemônico e formação de intelectuais, aos quais a classe trabalhadora teria um papel de apropriação nessa escola. Diante desses elementos, amparamos nosso artigo no texto de Mendonça (2011), que evidencia o papel que a sociologia pode exercer na escola diante de uma crise de sentidos, possibilitando uma ressignificação de sua função social, por meio de problematização da realidade social e por ter o jovem como lócus desse processo.

Nesse período de retrocessos políticos e sociais que vive a sociedade brasileira, a desigualdade e a carência de oportunidades possuem como justificativa a falta de esforço do indivíduo¹, revelando uma visão meritocrática e um abandono da linha de pensamento que a coloca os problemas sociais como resultado de um processo sócio-histórico, que perdura por toda a história do Brasil. A desigualdade racial, portanto, não fica descolada das condições desiguais sociais. Para Fernandes (2008), a abolição da escravidão não se efetivou em uma alternativa de acesso do negro ao mundo social e a sua integração à sociedade; pelo contrário, os negros ficaram à margem na sociedade, vivendo em condições subalternas mediante trabalhos precários, situações que aumentaram consideravelmente a exclusão e o isolamento da população negra, de tal maneira que essa condição não fora superada por completo.

Os dados do PNDA² realizada no 3º trimestre de 2017 dão mostras dessa relação. Dos 13 milhões de

brasileiros desempregados, 8,3 milhões eram pretos ou pardos (63,7%). Além desses dados, a taxa de subutilização, que agrega a desocupação, subocupação por insuficiência de horas (menos de 40 horas semanais) e a força de trabalho potencial, indicadores de trabalhos precarizados, são sempre maiores para a população preta e parda³: do total de trabalhadores brasileiros, ela foi de 23,9%, enquanto que para pretos ou pardos ficou em 28,3%, e para brancos em 18,5%, sendo que das 26,8 milhões de pessoas subutilizadas no Brasil, 17,6 milhões (65,8%) eram pretas ou pardas. Esses dados demonstram a realidade da condição do preconceito e do racismo muito presentes na sociedade brasileira, que colocam o negro em condição subalterna.

Como se evidencia, a população negra fora marginalizada e isso se reflete de forma significativa na educação. A crença no mito da democracia racial ainda muito em voga dentro das escolas acaba por reproduzir o preconceito étnico-racial e o racismo⁴, que se procria em escalas inimagináveis na relação entre alunos e principalmente na relação professor-aluno. A negação cotidiana da desigualdade e do racismo presentes na sociedade brasileira se desenvolve no ambiente escolar por intermédio da estigmatização e da construção de uma identidade inferiorizada do jovem negro; a diferenciação entre o aluno negro e o aluno não negro se dá de diversas formas, sendo possível coletar relatos no ambiente escolar a respeito de certa culpabilização e criminalização do aluno negro. Assim, reforçam-se as estruturas ideológicas e sociais postas a partir da distinção entre os incluídos e os excluídos dos direitos de cidadania. A educação escolar toma boa parte da vida dos indivíduos, em que as lembranças e experiências vivenciadas nesse ambiente acarretam consequências nas vidas dos mesmos. Um estudante que tem sua identidade omitida, oprimida e principalmente excluída do contexto que deveria

Letícia Lima de Souza

Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

Contato:

leticialsouza_@hotmail.com

Palavras-chaves:

Sociologia da Educação, PIBID, Desigualdade racial, extensão universitária.

Keywords:

Sociology of Education, PIBID, Racial inequality, University Extension project.

1 Em recente pesquisa realizada na periferia de São Paulo sobre a questão dos valores aponta resultados que caminham nessa direção, o aumento do número de neopentecostais atrelados aos valores do self made man como: meritocracia, individualismo, empreendedorismo é considerável. Uma referência sobre esse tema, porém voltado para a realidade estadunidense pode ser observado em Apple (2003). Sobre a pesquisa pode ser consultada em <www.fpabramo.org.br/publicacoes>.

2 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.

3 A utilização do termo preta e parda é feita pelo IBGE.

4 Utilizaremos ao longo do texto ambos os conceitos, apesar de não serem similares, aparecem no cotidiano escolar de formas distintas, com destaque maior ao preconceito racial.

5 Apesar dos inúmeros esforços para introdução da sociologia como disciplina obrigatória, há sempre uma necessidade constante de reafirmação de seu papel crítico e científico na observação, análise e solução dos problemas da vida social, exemplos dessa premissa é a última reforma do ensino médio que coloca em risco sua existência, como também de outras disciplinas fundamentais na área de humanidades.

6 As primeiras Abayomi (de origem Iorubá, significa "encontro precioso") surgiram durante o tráfico dos navios negreiros, onde as crianças se desesperavam e as mães, para tentar acalmá-las rasgavam tiras de suas saias e as produziam. São bonecas pretas de diversos tamanhos, que podem ser produzidas com tecidos ou cordinhas com nós, sem costura alguma; são amuletos que representam proteção, acalento e tem conteúdo simbólico singular, além de demonstrar o poder feminino e as formas de resistências das mães negras.

7 A escola em questão se localiza em um bairro da zona sul de Marília/SP e esta é estigmatizada enquanto uma escola periférica.

8 Conceitos utilizados a partir dos parâmetros de indicadores sociais do IBGE, disponível em <<https://www2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicao-de-vida/indicadoresminimos/conceitos.shtm>>

9 A maioria das meninas negras da sala considerava que seus cabelos crespos e cacheados eram um problema, por isso alisavam ou procuravam maneiras de escondê-lo. Além do mais,

abranger todas as diferenças e embasá-las no respeito à diversidade terá sérias complicações em torno de sua subjetividade e também na sua formação objetiva, principalmente em relação ao acesso a uma educação de qualidade e transformadora.

Escola: um espaço de (des)construção

A escola é o espaço onde as questões étnico-raciais devem ter posições centrais em seus debates, pois sua estrutura e dinâmica próprias possibilita certa autonomia em relação a outros campos sociais, apesar de reproduzir as estruturas da sociedade capitalista e, no caso em questão, da sociedade brasileira. O ensino de Sociologia como parte integrante do currículo oficial pode oferecer arcabouço teórico e metodológico sobre o tema, uma vez que as ciências sociais possuem tradição nessa temática e nos estudos acerca das desigualdades sociais e étnico-raciais. Entende-se, ainda, que a educação é um fator fundamental para uma transformação significativa da lógica racista que se estrutura na sociedade. Mediante essas considerações, a produção de conhecimento escolar na disciplina de sociologia requer práticas pedagógicas e situações didáticas que possibilitem a inserção e problematização do preconceito étnico-racial, acompanhadas de um olhar desnaturalizador do senso comum. É de suma importância para a realização desse trabalho que se criem condições para a aceitação e legitimação da sociologia enquanto disciplina do conteúdo escolar⁵. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), através da articulação entre os cursos de licenciatura do ensino superior e as escolas básicas da rede pública contribui de maneira decisiva para a construção desse elo entre o conhecimento científico e o conhecimento escolar, além do aperfeiçoamento da formação de professores, possibilitando maior clareza e comprometimento com as condições objetivas de ser professor.

A constatação do impacto do Pibid na discussão étnico-racial que abordaremos neste artigo efetivou-se através da prática pedagógica composta por uma oficina de bonecas denominadas Abayomi⁶, que por meio de todo um trabalho conjunto entre pibidianos, escola e alunos gerou condições para a um ganho qualitativo na apreensão do conteúdo e desmistificação de preconceitos e estereótipos, além de demonstrar que atividades práticas e culturais agregam positivamente na formação dos estudantes.

Partindo de observações, pesquisas e relatos orais dos estudantes de turmas do segundo ano do ensino médio, foi possível realizar um levantamento sobre a formação da identidade racial e o racismo presente na escola⁷, de forma direta realizar ações para se combater estigmas e preconceitos. O levantamento dessas informações fundamentou-se primordialmente nos resultados adquiridos através da aplicação de um questionário composto por perguntas sobre cor ou raça⁸, discriminação racial e o dia da Consciência Negra. Dentre os participantes do questionário, 40% se autodeclararam de cor parda, 10% de cor preta, 27,5% de cor branca, 15% de cor amarela e 7,5% se declararam indígena. A segunda pergunta do questionário está relacionada ao

conhecimento do motivo da data do Dia da Consciência Negra ser no dia 20 de novembro e 72,5% dizem conhecer esse motivo, e 65% relacionam esse motivo a luta e resistência de Zumbi dos Palmares. Na quarta pergunta "você se considera preconceituoso?", obteve-se unanimidade na resposta "não". Porém, na pergunta seguinte sobre conhecer alguém preconceituoso, 62,5% dos participantes dizem conhecer alguém preconceituoso.

O questionário também contou com perguntas relacionadas à discriminação racial em âmbito profissional e também às desigualdades educacionais advindas dessa discriminação; 70% dos participantes concordam que a cor ou raça tem influência no momento de se conseguir um emprego. Por outro lado, 58% não concordam que a diferença de cor ou raça tenha relação com o acesso diferenciado à educação. Quando questionados se já sofreram algum tipo de preconceito, mais da metade (53%) respondem que não sofreram algum tipo de preconceito; a parcela que já sofreu algum tipo de preconceito (43%), em sua maioria, relaciona esse episódio preconceituoso a outros fatores (25%), excluindo questões estéticas ou raciais. Por fim, sobre representatividade midiática do negro, cerca de 70% dos participantes consideram que o negro não é bem representado nos meios de comunicação.

Esses dados foram de suma importância para avaliar o conhecimento prévio dos estudantes acerca da questão racial. Observa-se uma forma velada de preconceito ao responderem em sua totalidade que não têm preconceito, mas a maioria conhece alguém preconceituoso; essa é a expressão histórica da forma como é tratada a questão do racismo e do preconceito racial no Brasil, de forma velada, oculta, tratada nas entrelinhas. Os dados obtidos foram substanciais, visto que a relação de um pibidiano dentro da escola é totalmente diferente da relação do aluno ou do professor a respeito daquele espaço. A proximidade com o cotidiano dos alunos e a possibilidade de intervir no desenvolvimento do conteúdo em sala de aula possibilitou ampliar a observação da pesquisa e entender um pouco mais o universo daquela juventude. Em poucos meses de contato, conseguimos perceber que os dilemas sobre autoestima e autoaceitação eram predominantes, especificamente para meninas negras que compunham a sala. Foi ficando evidente que não se tratava de um caso isolado, mas sim de um reflexo da forma como a sociedade, de forma (nem sempre) velada, isola o negro e sobrepõe a figura do branco enquanto padrão ideal.

Além de questões voltadas aos padrões de estética beleza⁹ na sociedade, identificamos também que o racismo se manifestava também nas próprias relações escolares, principalmente através de docentes que reproduziam estigmas e estereótipos ao se referirem a determinados alunos, assim como também entre os próprios alunos, principalmente entre alunos negros. A partir disso, é notório o campo de conflitos ideológicos e contradições sociais em que a escola se solidifica e é equivocadamente considerada um campo neutro, descolada da realidade social. Portanto,

A escola, como espaço sócio-cultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação de seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. Fruto da ação recíproca entre o sujeito e a instituição, esse processo é heterogêneo. Nessa perspectiva, a realidade escolar aparece mediada, no cotidiano, pela apropriação, elaboração, reelaboração ou repulsa expressas pelos sujeitos sociais. (DAYRELL, 1996, p. 137).

Quando levamos em consideração esses fatos, não podemos nos acomodar a eles e naturalizar mais ainda o que a sociedade já encruca como verdade absoluta; para Bourdieu (2009), a ação pedagógica pode vir a reproduzir determinado arbítrio cultural das classes dominantes sobre as classes dominadas, ou seja, a escola acaba por reproduzir a estrutura das relações de forças e, desse modo, a educação e o ambiente escolar tornam-se um modo arbitrário de imposição e legitimação das relações dominantes encontradas na sociedade. Dito isso, é necessário que os educadores e educandos tomem posse dos conteúdos sobre discriminação (de todos os âmbitos) e não os repliquem ainda mais da educação. Historicamente, o ensino de sociologia não possui tradição escolar, visto que ao longo do tempo obteve instabilidade no currículo e sua obrigatoriedade enquanto disciplina escolar – que, inclusive já está novamente ameaçada – é muito recente. Entretanto, a função da sociologia na escola é discutida desde o primeiro Congresso Brasileiro de Sociologia¹⁰, em 1954. Em um de seus trabalhos memoráveis, o sociólogo Florestan Fernandes já considerava importante o ensino desse saber científico no ambiente escolar.

[...] para os sociólogos, o ensino da sociologia no curso secundário representa a forma mais construtiva de divulgação dos conhecimentos sociológicos e um meio ideal, por excelência, para atingir as funções que a ciência precisa desempenhar na educação dos jovens na vida moderna. A difusão dos conhecimentos sociológicos poderá ter importância para o ulterior desenvolvimento da sociologia. Mas o que entra em linha de conta, no raciocínio dos especialistas, não é esse aspecto pragmático. Salienta-se, ao contrário, que a transmissão de conhecimentos sociológicos se liga à necessidade de ampliar a esfera dos ajustamentos e controles sociais conscientes na presente fase de transição de sociedades ocidentais para as novas técnicas de organização do comportamento humano. (...) (FER-

NANDES, 1977, p. 105-106).

O papel da Sociologia em sala de aula se baseia em oferecer ao jovem estudante mecanismos de análise objetiva da realidade social, reforçando assim o papel da escola como transformadora do conhecimento e da desnaturalização das relações sociais. As Orientações Curriculares Nacionais (2008) vão de acordo com essa concepção e considera necessários determinados recortes para mediar o conhecimento sociológico científico e o ensino escolar, pois “[...] deve haver uma adequação em termos de linguagem, objetos, temas e reconstrução da história das Ciências Sociais para a fase de aprendizagem dos jovens – como de resto se sabe que qualquer discurso deve levar em consideração o público alvo” (BRASIL, 2008, p. 107). Através das orientações desse documento, nota-se que o professor possui autonomia para trabalhar os diversos conceitos, teorias e temas dos currículos, a fim de articulá-los de forma coerente com a realidade social específica dos educandos, atendendo as demandas das escolas.

O papel do Pibid na sala de aula

O grupo Pibid Ciências Sociais/Marília atua nas escolas da cidade através de ações conjuntas entre a universidade pública e a rede de ensino básico público, permitindo um novo âmbito de desenvolvimento de formação de professores, ampliando a dimensão de atuação dos licenciandos na educação e, nesse meio, a sociologia toma força para se afirmar cada vez mais enquanto disciplina científica e analítica das relações sociais, que instigue o olhar sociológico do aluno e o leve para além dos muros da escola e assim desenvolva sua visão de mundo, a partir de uma análise crítica da realidade.

A atuação do Pibid da Unesp de Marília inicia seus trabalhos no ano de 2009, após a Pró-Reitoria de Graduação da Unesp (Prograd) juntamente com professores representantes dos cursos de licenciatura das grandes áreas do conhecimento participar do Edital publicado pela Capes naquele mesmo ano. Apesar de apresentar mais de trinta proposições de subprojetos, o Edital poderia contemplar apenas doze e estes se dividiram de acordo com as áreas específicas que havia pretensão de serem atendidas pelo projeto institucional. Intitulado como “O processo de formação de licenciandos: ações conjuntas da Universidade Pública e da Escola de Educação Básica”, o projeto institucional da Unesp contou com 6 subprojetos principais, totalizando 118 bolsas de iniciação à docência e 15 bolsas de supervisores e 6 subprojetos complementares, com um total de 122 bolsas de iniciação a docência e 14 bolsas de supervisores. A resposta a participação no edital foi absolutamente positiva e as unidades contempladas já possuíam determinada experiência adquirida através do Programa Institucional Núcleos de Ensino da Unesp que desde 1987 atua na articulação entre universidade e as escolas públicas de Educação Básica.

Logo, os objetivos gerais do projeto institucional eram: ampliar as possibilidades de inserção do licenciando na realidade escolar; conscientizar o

suas configurações faciais (nariz e boca) eram motivos de chacota.

¹⁰ Para uma referência sobre a importância desse Congresso e os debates acerca da introdução do ensino de sociologia, observar Machado;Totti (2013).

11 Tem como objetivo conhecer os estudantes, suas expectativas em relação à disciplina e conhecimentos prévios sobre temas abordados na disciplina de Sociologia; trata-se de um questionário desenvolvido em formato espiral, em que se inicia com perguntas básicas para conhecer subjetivamente os estudantes (qual seu nome, seus hobbies), mas também suas concepções dos acerca das relações e instituições sociais e por fim perguntas direcionadas a disciplina e ao tema que se pretende trabalhar em seguida.

licenciando-bolsista quanto à importância da sua contribuição para a superação de problemas e desafios da instituição pública de educação básica e formar, em situação pré-serviço e com a colaboração da escola de educação básica, o licenciando bolsista. Isso posto, o licenciando-bolsista tem a oportunidade de se familiarizar com o contexto escolar, com as práticas educativas e seus dilemas.

Devido à aprovação da Lei 11.684/2008, que inclui a obrigatoriedade da Sociologia aos currículos do ensino médio, o curso de licenciatura em ciências sociais certamente precisava de um mecanismo auxiliar que repensasse a forma de incorporação dos conhecimentos sociológicos ao cotidiano escolar, assim o Pibid surge em um contexto favorável para sua aplicação, uma vez que o estreitamento de parcerias entre a universidade e a escola pública de ensino proporciona melhoria tanto nos cursos de formação de professores quanto na qualidade de ensino oferecido nas escolas. Nessa contribuição mútua, o professor supervisor também tem a oportunidade de atualizar o conhecimento e suas práticas pedagógicas, além de realizar uma formação continuada devido às discussões teóricas realizadas para embasar as atividades em sala de aula.

O Pibid de Ciências Sociais/Marília tem “como fundamento teórico e metodológico o materialismo histórico e dialético em suas diversas vertentes e a pesquisa qualitativa, baseada na Pesquisa-Ação, como sua materialidade” (TOTTI, BARBOSA, 2016, p.155), buscando conhecer o universo dos educandos para que as atividades pedagógicas sejam mais direcionadas, de tal forma que possam resultar em uma aprendizagem significativa e, conseqüentemente, gerar novos conhecimentos, potencializando o universo dos educandos. Portanto, metodologicamente, considera-se que os alunos são os agentes ativos do processo pedagógico. Essa metodologia embasa-se nos estudos do psicólogo russo Leontiev (1978) e sua formulação da Teoria da Atividade, em que considera o sujeito aprende quando a atividade em que está envolvido corresponda a sua necessidade. Quando reconhece no objeto da atividade o objeto de realização da necessidade, as suas ações estarão tomadas de intencionalidade, haverá motivação pelo objetivo. O grupo também se embasa nas teses do sociólogo britânico Paul Willis, que realizou uma pesquisa etnográfica no bairro periférico em Birmingham e constatou que a rebeldia da juventude e negação da escola se configurava em uma contracultura escolar, por sua vez, essa negação acabara por reproduzir as relações sociais de origem desses estudantes sem ocasionar mudanças significativas, por não compreender os conteúdos de modo signifiante. Desse modo, procuramos compreender o horizonte sociocultural desses estudantes e adaptar os conhecimentos historicamente acumulados à sua realidade.

Partindo dos princípios acima, a dinâmica das atividades dos grupos de cada escola se dá em reuniões semanais para planejamento das aulas, produção dos textos didáticos e reuniões para as discussões teóricas; realizam-se também análises acerca das Propostas Curriculares de Sociologia e dos Cadernos de Sociologia, do Professor e do

Aluno, implementados pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Os Cadernos da SEE-SP foram avaliados de forma crítica pelos grupos e a opção escolhida fora trabalhar com textos didáticos próprios, tendo como eixo as Orientações Curriculares Nacionais (OCN) e os conteúdos do currículo; esse contato do licenciando-bolsista com o material didático promove determinada autonomia e domínio sobre a produção e utilização do mesmo. De forma diagnóstica, captamos o conhecimento prévio dos alunos sobre determinado tema sociológico a ser trabalhado em sala, geralmente através do recurso metodológico Espiral¹¹, composto por uma série de perguntas em aberto, desenvolvidas em formato de espiral, partindo de perguntas gerais e ao fim mais específicas sobre o tema, para que de modo rápido seja possível coletar informações sobre o perfil do aluno e suas demandas. A preocupação em aproximar os conteúdos sociológicos do ensino médio com as demandas dos alunos é um desafio, em que sua realização busca uma formação humana. Portanto,

Compreende-se, também, que a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento intelectual do homem e lhe empresta a sua humanidade. O grande desafio para o grupo é transformar as atividades de ensino e aprendizagem em momentos significativos para os jovens do Ensino Médio, apontando para a superação do conhecimento cotidiano na perspectiva de apreensão do conhecimento teórico-científico. (TOTTI, BARBOSA, 2016, p. 161)

As atividades oriundas do PIBID de Ciências Sociais possibilita uma visibilidade maior da licenciatura no campus, seja entre os graduandos ou os docentes do curso. A proposta do projeto é “[...] um aprender a ensinar com objetivos, conteúdos, ações e trabalho coletivo, numa atividade formadora dinâmica, propositiva, que fará diferença no exercício da profissão do futuro professor.” (TOTTI, BARBOSA, 2016, p. 161)

Oficina de bonecas Abayomi: valorização da cultura afrobrasileira

A partir de uma linha de trabalho educativo, considerado aqui como “uma atividade intencionalmente dirigida por fins” (DUARTE, 1998, p. 115) que engloba o conhecimento prévio e as demandas de cada aluno, o grupo Pibid Ciências Sociais/Marília atua há alguns anos nas escolas da cidade e em 2015, em uma escola da zona sul da cidade, na primeira série do ensino médio, durante as atividades realizadas pelo grupo de acordo com o Currículo do Estado de São Paulo referente às temáticas de diferença e desigualdade foi possível observar uma grande demanda em torno das questões étnico-raciais, padrões de beleza, preconceito racial e estereótipos que estão envolvidos nessa problemática.

O grupo Pibid procurou dar uma atenção maior a essas questões, para que tais demandas fossem atendidas. Para tal, foi necessário compreender o conhecimento prévio e as formulações dos estu-

dantes a respeito dos temas. Desenvolveu-se um questionário com perguntas relacionadas ao dia da Consciência Negra, preconceito racial. A turma era composta por em torno de 80% de alunos negros e no questionário, apenas 10% se autodeclararam negros¹². Tomando como base o resultado desse questionário, as atividades foram direcionadas para desnaturalizar os preconceitos raciais e construir um processo de representatividade e formação de identidade por parte dos alunos. Para entender melhor a questão o grupo desenvolveu leituras a partir dos clássicos da sociologia brasileira como Fernandes (2008) e Costa (1999), o que possibilitou montar um esquema de conteúdo que pudesse contemplar as demandas dos estudantes, mas também seguir o conteúdo curricular. Então, mediante discussão da temática de diferença e desigualdade, essas foram trabalhadas na perspectiva étnico-racial juntamente com mecanismos audiovisuais e lúdicos (charges, slides, música e filmes), as questões étnico-raciais foram tratadas de forma satisfatória em sala de aula.

Durante a execução das atividades, o subgrupo responsável pela escola do Pibid Ciências Sociais/Marília visava finalizar todo esse percurso didático com uma atividade cultural, a fim de contribuir para a formação de identidade racial, especificamente a afro-brasileira. Desse modo, foram realizadas pesquisas e fora deliberada a montagem de uma oficina de bonecas Abayomi. As bonecas Abayomi surgiram na diáspora dos negros ao Brasil durante o tráfico negreiro, em que as crianças desesperadas ao verem a dor e o sofrimento enfrentado nos navios de seus pais e parentes, choravam e suas mães para acalotá-las rasgavam tiras de suas saias e montavam uma boneca para que as crianças pudessem se distrair em meio ao caos que se encontravam. As Abayomi são bonecas de tecido preto, em que pode ser feita de diversos tamanhos e podem ser produzidas com tecidos ou cordinhas com nós, sem costura alguma; para a atividade em sala de aula, foram necessários tecidos retangulares e tesouras. As bonecas são amuletos que representaram proteção, acalento e tem conteúdo simbólico singular, sem contar que demonstram o poder feminino e as formas de resistências das mães negras; a oficina teve como objetivo levar aos estudantes o conhecimento da cultura afro-brasileira e através dela, desmitificar preconceitos e estereótipos possibilitando o conhecimento sociológico e o processo de desnaturalização das relações sociais.



FIGURA 1: Alunos do 1ºD durante oficina de bonecas Abayomi

Como se pode observar na fig. 1, para a realização da mesma, houve envolvimento de toda a sala e a atividade estava carregada de sentido, visto que após todo o conteúdo sobre a cultura afro-brasileira e as discussões sobre discriminação, os alunos apresentaram maior interesse em compreender como se dá a relação do negro na sociedade e em conhecer artifícios culturais que no currículo regular da escola, não se apresenta esse tipo de material. Após a oficina apenas com a sala, os estudantes estavam extremamente empolgados e sugeriram a abertura da oficina para o restante das salas; assim, todo o ensino médio e a escola se envolveram na oficina, que os próprios alunos do 1º D ministraram. No cotidiano escolar, já era possível notar uma mudança na forma como os próprios alunos lidavam com essas questões, porém era preciso consolidar todo o trabalho a partir de um segundo questionário, com as mesmas questões para que se pudessem analisar de forma mais científica o levantamento de dados empíricos.

Uma das perguntas estava relacionada ao conhecimento e significado do dia 20 de Novembro, a pesquisa demonstrou uma melhora significativa no conhecimento por parte dos alunos, de acerto em 72,5% na resposta. Outro dado substancial foi relacionado ao preconceito racial, perguntamos se eles achavam que o negro era bem representado nos meios de comunicação, as respostas denotaram que 75% entendem que o negro não é bem representado nos meios de comunicação. Com a realização da oficina, pode-se observar um ganho qualitativo no conhecimento dos alunos.

Considerações finais

As atividades em torno das questões étnico-raciais devem ir além do aspecto identitário e representativo; elas devem ser, acima de tudo, estratégias de ruptura e combate ao racismo no ambiente escolar e em toda a sociedade, dar visibilidade à discriminação não pode se prender à sala de aula, mas expandir-se a todo o corpo escolar, uma vez que os casos de preconceito no cotidiano escolar são silenciados por docentes e acabam por se legitimarem nesse espaço. No âmbito de aprendizagem, a inclusão das temáticas de forma incisiva nos currículos é de extrema importância. Mesmo diante da consolidação da Lei 10.639/03, da qual inclui no calendário escolar o dia 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra e estabelece obrigatória a inserção do ensino de temáticas da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas e mesmo com os livros didáticos adaptados a mesma, ainda há certa dificuldade para se tratar de forma efetiva sobre a luta e resistência do povo negro, assim como para valorizar a cultura negra e sua contribuição para a formação sócio histórica do país. O silenciamento das diversidades, principalmente no âmbito racial se manifesta na negação das tradições africanas e afro-brasileiras, de costumes, de objetos culturais; ou seja, ignorar os aspectos africanos e afro-brasileiros de nossa cultura e formação social é contribuir para a propagação do racismo.

A oficina de bonecas Abayomi tornou-se eficaz

12 Considerando o resultado do levantamento apresentado no início do texto e o conhecimento da realidade social específica apresentado, foi possível constatar que na turma de 40 alunos que responderam o questionário, 32 alunos da mesma são negros, porém em suas respostas, apenas 10% se autodeclararam de cor preta. Acredita-se que muitos preferiram assinalar cor parda (resposta com maior índice), em decorrência do racismo e discriminação racial presentes em seu cotidiano.

no contexto que foi inserida porque além de ser uma atividade lúdica, demonstra que novas práticas pedagógicas, que abordem temáticas vivenciadas pelos estudantes e que lhes coloquem enquanto sujeitos ativos da realização das mesmas, são substanciais ao processo de conhecimento sociológico no interior da escola e também como mecanismo eficaz de apreensão do conteúdo.

Referências bibliográficas:

- ALTHUSSER, Louis. (1985). "Aparelhos ideológicos dos Estados, Nota sobre os Aparelhos ideológicos." 11ª edição, Rio de Janeiro, Graal.
- APPLE, Michael. (2003). "Educação à direita. Mercados, padrões, Deus e Desigualdade." São Paulo, Cortez, Instituto Paulo Freire.
- BOURDIEU, Pierre. (2009). "A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino". 2ª edição, Petrópolis, Vozes.
- BOURDIEU, Pierre. (2005). "O Poder Simbólico". São Paulo, Bertrand Brasil.
- BRASIL. (2004). Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, Ministério da Educação.
- BRASIL. (2007). "Indagações Sobre Currículo: diversidade e currículo." Brasília, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica.
- BRASIL. (2008). "Orientações Curriculares Nacionais: ciências humanas e suas tecnologias." Brasília, Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica.
- _____. (2008). Lei nº 11684, de 2 de Junho de 2008. Altera o art. 36 da Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11684.htm> Acesso em 20/08/2017
- _____. (2003). Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm> Acesso em 25/01/2018
- COSTA, Emília Viotti. (1999). "Da monarquia à república." Momentos decisivos. 7ª edição, São Paulo: Editora da Unesp.
- DAYRELL, Juarez Tarcísio. (2010). "A juventude no contexto do ensino da Sociologia: questões e desafios." In: MORAES, A. C. Coleção Explorando o Ensino: Sociologia. Vol. 15. Brasília, Ministério da Educação.
- DUARTE, Newton. (1998) "Relações entre ontologia e epistemologia e a reflexão sobre o trabalho educativo". PERSPECTIVA. Florianópolis, v.16, n. 29, p. 99-116, jan./jun. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10579/10113>>. Acesso em 10/08/2017.
- FERNANDES, Florestan. (2008). "A integração do negro na sociedade de classes." São Paulo, Globo.
- GRAMSCI, Antônio. (1985). "Os intelectuais e a organização da cultura." 5ª edição, São Paulo, Civilização Brasileira.
- GOMES, Nilma Lino. (1996). "Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade." Cadernos Pagu (6-7), p.67-82.
- GOMES, Nilma Lino. (2008). "Descolonizar os Currículos: um desafio para as pesquisas que articulem a diversidade étnico-racial e a formação docente." In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 14, Porto Alegre, PUCRS, p. 516-527.
- MACHADO, Vitor; TOTTI, Marcelo Augusto. (2013). "Do debate acerca da implantação da disciplina de sociologia no currículo escolar no interior do 1º Congresso Brasileiro de Sociologia aos desafios atuais." In: SILVA, Luciene Ferreira da, DIAS, Marisa da & MANZONI, Rosa Maria (org.) Cadernos de docência na educação básica II, São Paulo, Cultura Acadêmica.
- MENDONÇA, Sueli Guadalupe Lima de. (2011). "A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico." Cad. Cedes. Campinas, vol. 31, n. 85, p. 341-357, set.-dez.
- _____. (2013). "Ensino de sociologia no ensino médio: reflexões e desafios." In: Avaliações da educação básica em debate: ensino e matrizes de referência das avaliações em larga escala. INEP, Brasília, Instituto Nacional de Avaliações e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013.
- MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima. SPAZZIANI, Maria de Lourdes. (2014). "Cadernos Prograd – Iniciação à Docência: PIBID 2009/2012." São Paulo, Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. (2014). "Educação Antirracista: tensões e desafios para o ensino de sociologia." Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 81-98, jan./mar. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em 21/07/2017
- TOTTI, Marcelo Augusto; BARBOSA, Maria Valéria. (2016). "O ensino de sociologia e a formação de professores: a experiência do Pibid de ciências sociais de Marília." Revista Urutáua – Revista Acadêmica Multidisciplinar. Universidade Estadual de Maringá (UEM). N. 35, dezembro/maio.
- WILLIS, Paul. (1991). "Aprendendo a ser trabalhador. Escola, resistência e reprodução social." Porto Alegre, Artes Médicas.